



SPRING AWAKENING

A Youth Tragedy

Teatro Praga

Text Frank Wedekind

Translation José Maria Vieira Mendes

With André e. Teodósio, Cláudia Jardim,
Cláudio Fernandes, Diogo Bento, Gonçalo C.
Ferreira, João Abreu, Mafalda Banquart, Óscar
Silva, Patrícia da Silva, Pedro Zegre Penim,
Rafaela Jacinto, Sara Leite e Xana Novais
Light Design Daniel Worm D'Assumpção
Sound Design Miguel Lucas Mendes
Technical Operation João Neves

Set Design Bárbara Falcão Fernandes

Costumes Joana Barrios

Head Seamstress Rosário Balbi

Production Bruno Reis

Executive Production Bernardo de Lacerda

Coproduced by Teatro Praga, Centro Cultural de
Belém, Teatro Nacional São João e Teatro Viriato
Artistic Residence and open rehearsal 23
Milhas - Casa Cultura Ílhavo



Vaginal
Davis

WIKI
Jenny

GOD IS MY
CO-PILOT

PANSY DIVISION

die
lapere

BIKINI KILL

PANSY DIVISION

PICKS

he

MILK

Pansy Division

BIKINI KILL
PANSY DIVISION
Girl Power

PANSY DIVISION
KILMP WHIST
LEXICON DEVI

LEXICON DEVI

WHIST
WHIST

WHIST
WHIST
queer

Spring awakening, a youth tragedy

Frank Wedekind's well known play written in 1891, deals with a group of adolescents in conflict with a conservative and moralistic society. Wedekind's text ends with a conversation in a cemetery next to the grave of Wendla Bergmann, a 13 year old girl who died of a miscarriage suggested by her mother. Her lover, Melchior Gabor, receives a visit from his best friend, Moritz Stiefel, who committed suicide and now carries his head under his arm. Moritz killed himself because he failed his year at school and he was not able to reveal it to his parents. He comes to offer his hand to Melchior and invite him to die together. But Melchior accepts the hand of someone else, the "The Masked Man", a springlike figure who prevents an additional tragic death.

This final scene contains the main issues of Wedekind's play. The cruelty and love among pairs, the generation conflict, suicide, despair, are some of the main themes chosen by the interpretative tradition of this text.

By invitation of Centro Cultural de Belém, Teatro Praga returns, after

some years, to a classic of dramatic literature in order to inscribe, in a text and on the theatrical canon, those who are excluded by a so called representative theatre.

We intend to work the lyrical expressionism of a shapeless adolescence, with its own language that tries to get away from a logic that divides reality in cynical and sincere or poetic and rational. Our approach will try to look beyond dualisms and build a reality that tackles invisibility and puts one in contact with a certain strangeness. Spring Awakening will be occupied by a puberty that deceits "nature", that refuses the subjection of one body to another, the construction of identities, and takes hold of an emancipatory rite that tries to defy all traditional standardizations. A place where it is required for several languages to coexist, where references are lost and reconstructed, where despair is life and suicide means victory. It is a performance that follows a demand of a humanity to be invented.



Open rehearsal

23 Milhas
Casa da Cultura de Ilhavo
10th February, 2017 (Ilhavo)

Première

Centro Cultural de Belém
24th February, 2017 (Lisboa)

Performances

Centro Cultural de Belém
February 25, 26 and 27, 2017
(Lisboa)

Teatro Viriato
May 5, 2017 (Viseu)

Centro Cultural Vila Flor
June 2, 2017 (Guimarães)

Plataforma PT
June 10, 2017 (Montemor-O-Novo)

Teatro Nacional São João
**July 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22
and 23, 2017** (Oporto)

Teatro Praga

Teatro Praga [“Plague Theatre”] define themselves as a group or federation of artists, with a coat of arms and a history. When someone asks who they are, they usually propose a rephrasing of the question, since they are something different with every show or day that passes. Still, they rejoice with the established order and find the unpredictable variations of themselves to be a way of enlarging the concept of predictability. Teatro Praga was born in 1995 and is currently based in Rua das Gaivotas 6 (www.ruadasgaivotas6.pt), in Lisbon, a cultural space for which they are in charge of the Artistic Direction. The group has been regularly creating theatre plays co-produced by the most prestigious contemporary cultural institutions in Portugal and have performed at several festivals and events in other European countries (Italy, United Kingdom, Germany, France, Belgium, Spain, Hungary, Slovenia, Estonia, Denmark and Poland), in Israel and in China. Recently, Teatro Praga presented *Terceira Idade* (2013), *Tropa-Fandanga* (2014) e *Zululuzu* (2016).

www.teatropraga.com

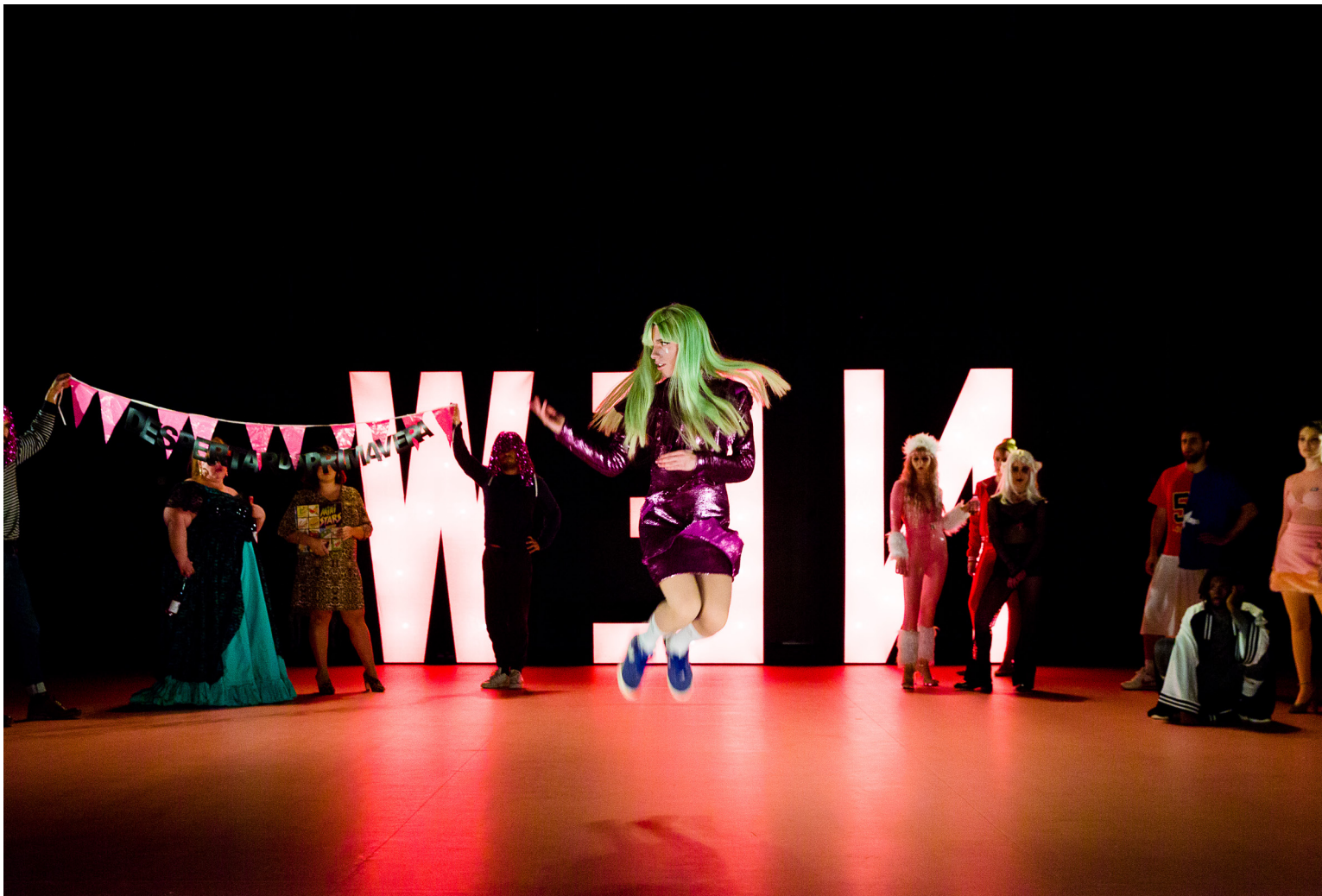
www.facebook.com/teatropraga











Ipsílon
24 Feb 2017



O Teatro Praga tem a última palavra

Criando uma língua franca para se relacionar com o texto de Wedekind, o Teatro Praga atira-se a *Despertar da Primavera* à procura de mais um movimento de libertação. No CCB, o texto do autor alemão não terá a última palavra.

Gonçalo Frota

No lugar onde antes havia umas letras gigantes invertidas que escreviam a palavra OLD, há agora umas letras não menos desconhecidas e igualmente invertidas que soletram NEW. *Despertar da Primavera*, espectáculo do Teatro Praga a partir do texto de Frank Wedekind, funciona como “lado B da *Terceira Idade*”, dinâmica com uma explosão cor-de-rosa uma ideia de juventude, tal como antes o fazia tomando a antiguidade e a velhice como pretexto. Esse NEW não é um simples pormenor cénico empurrado para o fundo do palco, nem uma simples piscadela de olho ao seu público, mas o anúncio de que naquele espaço estão a dialogar com o passado e a continuar a problematização daquilo que lhes interessa (com ou sem Wedekind). Assim, a aceitação do desafio do Centro Cultural de Belém para levarem à cena, de 24 a 27 de Fevereiro, o texto do autor alemão não o coloca no centro do espectáculo, não o deifica; procura antes uma forma de tornar as palavras um elemento libertador, negando-lhe qualquer primazia hierárquica.

Num encadeamento antecedido por *Terceira Idade*, *Tropa Fandanga* e *Zululuzu*, *Despertar da Primavera* reclama-se parte dessa família de espectáculos em que o Teatro Praga lidava com questões de identidade de género, da sexualidade como factor identitário. “Esses espectáculos ainda estão na nossa cabeça”, justifica José Maria Vieira Mendes, “ainda precisamos de resolver algumas coisas e ainda estamos a pensar muito sobre identidade. Mas a certa altura o que começa a interessar-nos é que espectáculo queremos fazer, sabendo que temos esta contingência.” A contingência é o texto de Wedekind, aceite como elemento de partida. Mas que o é

da mesma maneira que antes o foram Purcell, Shakespeare ou o teatro de revista.

Esse ponto de partida, que traz do final do século XIX “temas aparentemente operativos na sociedade”, diz André Teodósio, como a sexualidade, a identidade, a violação, o aborto, a morte ou o suicídio, é nivelado com a tradução, a escolha de actores, os figurinos e todos os restantes elementos que lhes permitiram perceber, acrescenta Pedro Zegre Penim, “onde é que o texto podia ser libertador e não uma condicionante ou um fardo que temos de aguentar do princípio ao fim”. Cumprido esse movimento de libertação, os três membros do Teatro Praga afirmam que no palco do CCB não estará o *Despertar da Primavera* de Wedekind, mas “um *Despertar da Primavera*”, passado pelos seus olhos, transformado pelos seus corpos e devolvido como outra coisa, traduzido num outro teatro. A começar, precisamente, pela tradução.

Após terminar uma primeira tradução relativamente literal, José Maria percebeu que o Teatro Praga nunca conseguiria dizer o texto tal e qual. “Além disso aborrecia-me”, admite. “Por isso, comecei, por simples diversão, a trocar palavras por outras e seguindo uma coisa que já vinha do *Zululuzu* ia questionando identidades duais ou estabelecidas socialmente – homem e mulher, homossexual e heterossexual. Se estamos a trabalhar a esse nível, também temos de questionar a identidade da língua. E o que é a língua portuguesa? É o que escreveu o Eça de Queirós ou o que se escreve nos jornais. No entanto, a língua que aprendemos e que ouvimos é constituída por imensos padrões – o padrão do Porto, de Guimarães, de Cascais, do Sul, da escola, do Eça de Queirós, mas também do Camilo Castelo Branco, do Camões, do Gil Vicente, da televisão ou da rua.”

De repente, abrindo portas a uma promiscuidade que tanto acolhe arqueísmos como calão contemporâneo, estrangeirismos como regionalismos, constituem aquilo a que chamam “uma espécie de língua franca do espectáculo”. Uma língua cuja estranheza inicial não tarda em ceder lugar à natural convivência com frases como “As infantas da tua idade já não rouparam-se assim”, “Não quedes triste, mater” ou “Nem palpitos o que estava em *stake*”. “Sabemos que há um padrão comunicativo”, resume Teodósio, “mas prevalecem imensos equívocos nas conversas diárias. Não reconhecemos, portanto, que seja funcional, 100% produtivo ou eficaz. E então criámos um outro. Não por ser contra, mas simplesmente porque não o reconhecemos como sendo único ou melhor.” “Em quase todos os

nossos espectáculos há sempre essa ideia de pôr em causa algumas ditaduras invisíveis – e o português também o é”, acrescenta Penim. De qualquer forma, acreditam, “é mais difícil perceber Os Lusíadas do Camões do que isto”.

Perder o controlo

Wendla, Melchior e Moritz têm 14 anos. Estão em plena descoberta da sua sexualidade e os seus percursos, em conflito com a geração que os precede, rodear-se-ão de violação, aborto e suicídio, pistas suficientes para que a peça escrita pelo alemão Frank Wedekind em 1891 acumulasse censuras e acusações de obscenidade. Terá sido essa combinação a motivar o convite do CCB ao Teatro Praga, companhia cujo percurso não alinhado tem passado por um questionamento persistente das categorias sociais e de todas as formas limitadoras de amestrar a identidade. Não sendo uma companhia de reportório – por muito que se tenham servido de Molière, Shakespeare ou Ésquilo em espectáculos anteriores –, a primeira reacção foi de desconfiança e de procurar perceber que expectativa era depositada nessa proposta.

“Normalmente, convidam o Teatro Praga e estão à espera que saibamos a expectativa”, diz Penim. “Já não é uma expectativa muito tradicional.” Uma vez que cada nova criação é também um teste às próprias fundações do colectivo, descartam qualquer “posição moral sobre o que é a idade, o novo ou o velho” ou qualquer choque geracional batido e rebatido, preferindo deslocar a sua abordagem para questões como as lavagem linguísticas (uma gíria falada por comunidades LGBT) ou o capitalismo rosa (uma corrente que defende uma economia de mercado específica das mesmas comunidades).

Além do texto pré-estabelecido, que podia apressar a fixação do espectáculo, Pedro Penim afirma que entregar o palco sobretudo a pessoas que nunca antes tinham participado em criações do Teatro Praga funcionou como “mais um mecanismo para perder o controlo do espectáculo”. Com os habituais da companhia a assumir os papéis de adultos (“personagens que são ridicularizadas ou ridículas”), os restantes papéis foram distribuídos por um conjunto de intérpretes descobertos em audições ou através da passagem pelo espaço Rua das Gaivotas 6 (dirigido pela companhia), eles próprios criadores em nome próprio e que estabelecem um outro diálogo em cena. Numa peça sem necessidade de afirmação e em que dizem estar-se nas tintas, são caras novas que chegam para ajudar os Praga a fazer aquilo que sempre fizeram: procurar formas de serem livres.



Despertar da Primavera. O confronto lavanda

O Teatro Praga leva ao CCB uma peça de confrontos transformada em celebração da individualidade. Na fala-se uma linguagem emancipadora, em trãma com a identidade de gênero e conflito com a ideia pré-concebida da tragédia na juventude

FELIX RIBEIRO
felic.ribeiro@jornal.i.pt

Pensa-se tradicionalmente em "O Despertar da Primavera" como uma obra de antagonismos, de oposição entre o novo e o velho, que coloca, de um lado, uma geração mais nova, desamparada e sem um guia para a sua descoberta sexual e de sentido, e, do outro, uma distante mas intervencionista geração mais velha, que impõe o seu conservadorismo de forma brutal e, em última análise, homicida. A peça escrita na última década do séc. XIX pelo alemão Frank Wedekind parece inconspicivelmente uma obra de contrários, da luta pela autoria de um pensamento novo, que, pelo caminho, deve destruir o antigo, ou, pelo menos, batalhar com ele. O próprio texto corportou esse confronto e só com muita dificuldade se viu representado nas suas primeiras décadas, várias vezes censurado pelos seus conteúdos "pornográficos", o que era resultado, sobretudo, de uma censa de violação e uma outra de beijo e confusão homossexual.

O antagonismo parece ser a força motriz da peça de Wedekind, mas, nas mãos do Teatro Praga, o seu fardo convive-se e "O Despertar da Primavera" que a companhia leu de 24 a 27 de fevereiro ao Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém é uma celebração carnavalesca de identidade. Daquilo que o público espera ver em Morte, por exemplo, um jovem que sucumbe ao peso da exigência escolar e se suicida ao não passar de classe, não há muito. Morte, como Vindida, podem ser simultaneamente homem e mulher, condenados à morte ou reconhecidos como o seu próprio. Em vários momentos, a peça do Teatro Praga apro-

xima-se mais da celebração da tragédia que, em parte, é o mesmo que dizer individualidade - do que do documentar da apressão. Nas palavras do dramaturgo José Maria Vieira Mendes, ao ler a tradução de uma peça do alemão: "O que nós procuramos neste espetáculo é libertar o olhar do espectador de uma série de ideias pré-concebidas. O sabemos o que vamos ver e muitas vezes constrangedor e limita a capacidade de vermos as coisas."



xima-se mais da celebração da tragédia que, em parte, é o mesmo que dizer individualidade - do que do documentar da apressão. Nas palavras do dramaturgo José Maria Vieira Mendes, ao ler a tradução de uma peça do alemão: "O que nós procuramos neste espetáculo é libertar o olhar do espectador de uma série de ideias pré-concebidas. O sabemos o que vamos ver e muitas vezes constrangedor e limita a capacidade de vermos as coisas."

O Teatro Praga procura escapar à interpretação tradicional de "O Despertar da Primavera", transportando para a peça não apenas o diálogo em torno da identidade de gênero e a filosofia quer de "Zahalaza" (2016, São Luiz), ou a reflexão sobre a memória e velhice de "Terre entre Ideias" (2013, Teatro Camêlo), especialmente em diálogo com o novo espetáculo. A companhia reinventa também a sua própria organização, escolhendo os jovens que ocupam quase toda a

tre os 19 e 23 anos, maior parte em palco e alguns dos direitos LGBTIQ. Algo explica ao I ator e encenador: "recria na mesma tensão interpretativa e nos põem a um canto", conta. "Na peça de Wedekind, é assim que os personagens são tratados, quase todos os velhos são antiquados. E nós colocamo-nos nesse papel."

deixamente ativistas e nos põem a um canto", conta. "Na peça de Wedekind, é assim que os personagens são tratados, quase todos os velhos são antiquados. E nós colocamo-nos nesse papel."

deixamente ativistas e nos põem a um canto", conta. "Na peça de Wedekind, é assim que os personagens são tratados, quase todos os velhos são antiquados. E nós colocamo-nos nesse papel."

Ficha Técnica

O Despertar da Primavera
CCB - Pequeno Auditório
O Teatro Praga apresenta a sua interpretação do clássico do século do alemão Frank Wedekind.

Horário De 24 a 27 de fevereiro, às 21h00 (26 às 19h)
Preço €15 a €18

literal e segue complemento o texto, mas, por exemplo, em vez de dizer jogar, digo jogar, em vez de mãe, digo mater. É aquela língua, que é a língua portuguesa, começa a decair-la. Infetar por aquilo que acontece quando hilários, que é introduzir palavras estrangeiras, fazer brincadeiras simpáticas, alterar o bom e bonito real orden canônico do sujeito e do predicado. Se o espetáculo joga com a identidade de gênero e da tragédia, a linguagem faz o mesmo, tornando-se um instrumento de força e identificação. José Maria Vieira Mendes dá a língua e a pronúncia utilizados por algumas comunidades LGBTIQ. Também aqui o Teatro Praga passa o tempo ao público e ao original de Wedekind - Pedro Penim diz ao que é uma "peça bem comportada e mal comportada ao mesmo tempo", a obra em que as gerações mais velhas são quase todas implacavelmente opressoras tortas e rapidamente, numa obra em que são as gerações mais novas as mais independentes, elas as instrutoras de uma linguagem que não parece adequada aos corpos envelhecidos e conservadores. Nelas, em vez e explosiva e instantânea, a língua torna-se uma farsa, uma apropriação. É em parte pelo idioma lavanda, em parte pela sua encenação pop, que os jovens do Praga, a tragédia triplicada da juventude como ela é vista por Wedekind há mais de cem anos se transformam numa espécie de teatro de disposições, em que a geração mais frágil é de gênero, que mais estaria tem algo mais criativada à língua. A tradução é

Time Out 212-28 Feb 2017

Palco

A Primavera dos Praga

O despertar da adolescência acontece no palco do CCB. Pedro Zegre Penim explica tudo a *Maria Ramos Silva*.

HÁ MUITO POUCO de *la vie en rose*. Por aqui, o *pink* é choque, porque crescer é um mar de espinhos, seja em que século for. Em 1891, Frank Wedekind escreveu *Despertar da Primavera*, uma *Tragedia da Juventude*, sobre um grupo de adolescentes em conflito com uma sociedade conservadora e moralista. Chegados a 2017, o CCB encenou os Praga a revisão deste clássico, a partir de uma tradução de José Maria Vieira Mendes, que explora

uma série de paralinguagens, cruzando referências usadas por minorias. "Quando aparecem encenadas há uma espécie de programa de recusa imediata, mas depois estas projeções sobre o nosso universo artístico acabam por funcionar como desafio. Se mordemos o isco com papéis mais secundários, e damos esse espaço aos artistas escolhidos na audição." Se a época da sua criação, a peça ficou enclausurada em polémica, por abordar o despertar da

sexualidade e propor um duelo geracional com os pais. "Tô preciso encontrar esse eco no tempo em que vivemos. Procuramos artistas, no sentido mais lato, que fossem de uma geração mais jovem que a nossa, que se situassem nos 40 anos". Retomando o ponto de partida deste texto, o cenário é todo cor-de-rosa, fiel à ideia de generificação da linguagem, e em diálogo com um espetáculo anterior do grupo, *Terre entre Ideias*, onde se lia a palavra *Old*. Para juntar a este festim exuberante, os figurinos com assinatura de Joana Barros. Em fundo, a palavra *Xing*, ou não estivessemos a falar de debutante, seja ela sexual ou artística.

PERFEITO PARA contactar com o conteúdo sem preconceitos. PREÇO 6-18€. ONDE Belém

Diário de Aveiro 10 Feb 2017

Um(a) Praga teatral capaz de fazer "Despertar a Primavera" em Fevereiro

Antestreia O Teatro Praga apresenta, esta noite, na Casa da Cultura de Ilhavo, uma peça que reinventa um clássico, com uma abordagem "sui generis". O espetáculo tem entrada livre

Antestreia O Teatro Praga apresenta, esta noite, na Casa da Cultura de Ilhavo, uma peça que reinventa um clássico, com uma abordagem "sui generis". O espetáculo tem entrada livre

Antestreia O Teatro Praga apresenta, esta noite, na Casa da Cultura de Ilhavo, uma peça que reinventa um clássico, com uma abordagem "sui generis". O espetáculo tem entrada livre

possibilidade de ver em primeira mão. Depois de ter estado em residência artística no verão de 2016, o teatro Praga regressa ao palco com a sua produção "Despertar da Primavera", uma obra de Frank Wedekind, escrita em 1891. A obra é uma crítica à sociedade conservadora da época, e aborda temas como a sexualidade e a adolescência. O espetáculo é dirigido por Pedro Zegre Penim, e apresenta uma abordagem contemporânea e inovadora. A peça é encenada em Ilhavo, e tem entrada livre.

Antestreia O Teatro Praga apresenta, esta noite, na Casa da Cultura de Ilhavo, uma peça que reinventa um clássico, com uma abordagem "sui generis". O espetáculo tem entrada livre

Antestreia O Teatro Praga apresenta, esta noite, na Casa da Cultura de Ilhavo, uma peça que reinventa um clássico, com uma abordagem "sui generis". O espetáculo tem entrada livre

Teatro "Despertar da primavera" mostra-se hoje ao público em Ilhavo

A adolescência e a intolerância geracional. Os adolescentes e os conflitos num sociedade moralista. Suicídio, porquês, amores. "Despertar da primavera, uma tragédia de juventude" nasce num texto de 1891, do alemão Frank Wedekind, e sobe a palco com a marca do Teatro Praga, após tradução de José Maria Vieira Mendes. Uma interpretação contemporânea de uma peça clássica, onde não falta (muito) cor-de-rosa, linguagem erudita mesclada com calão do quotidiano e lutas pela igualdade. A encenação é de Pedro Penim e de André Teodósio e a antestreia acontece hoje, às 21.30 horas, na Casa da Cultura de Ilhavo, com entrada gratuita. Dia 24 apresenta-se no Centro Cultural de Belém, Lisboa. s.f.

